

○ precursor

Fernanda Marinho

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 87-96 · 2017

Resumo

A autora, a partir de alguns dados históricos colhidos fundamentalmente no artigo de Marialzira Perestrello “Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937)”, mas principalmente instigada pelo que considera um grande tento dessa autora ao destacar a figura do precursor, distinguindo-o dos pioneiros, procura traçar um perfil do precursor, indivíduo que, a seu ver, teria características peculiares e distintas daqueles que se dedicam a instituir uma nova prática, ou um novo movimento ou causa, como fizeram os pioneiros. Explora o caráter aventureiro, com seu espírito livre e singular, que tudo ousa, impelido por curiosidade, distância segura e visão; olhos indagadores, perscrutadores de novos objetos, a distância destes permeada pela ação; somente esta retira o aventureiro de seu isolamento. Em contraste com o militante, que encontra o seu lugar no pertencimento ao grupo, na comunhão de ideias, crenças e valores. Esses dois polos, precursor/aventureiro – pioneiro/militante, definem um campo de tensão necessário ao movimento de construção crescente e expansão criativa.

Palavras-chave

precursor; pioneiro; aventureiro; militante; curiosidade; liberdade.

FERNANDA MARINHO é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ.

Prólogo: o Buraco do Elias

Elias, um “turco” mascate, navega nas águas caudalosas de um rio na Ilha de Marajó, meio de transporte natural para atender a freguesia, as populações ribeirinhas locais. Em seu trabalho cotidiano, vê-se às voltas com a necessidade de rodear um extenso braço – alguns quilômetros – de uma densa rede de igarapés que divide o rio, para atingir os povoados da outra margem, o que toma tempo e dinheiro. Guiado, aparentemente, por sua cupidez, muito empenhado em reduzir custos e aumentar lucros, esse desbravador amazônico empreende expedições fluviais regulares, com persistência e tenacidade, em busca de um caminho de penetração viável por entre a malha cerrada de igarapés. Por fim, descobre uma via de acesso, quase inexpugnável, que oferece risco não só para a embarcação como para o próprio barqueiro. Estava assim criada a rota, que passou a ser chamada Buraco do Elias.

Introdução

Marialzira Perestrello, ela própria pioneira, fundadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, escreve, em 1985, o artigo “Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937)”, apresentado em conferência na SBPRJ e publicado no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* (1986). Como introdução, afirma:

A conferência não será dedicada aos três médicos estrangeiros que vieram formar analistas em nosso país, nem aos psicanalistas brasileiros, pioneiros em São Paulo, Rio e Porto Alegre. Nem aos *fundadores* das quatro Sociedades psicanalíticas reconhecidas pela API. Nem aos analistas contemporâneos que muito trabalharam pelo *desenvolvimento* de nossa especialidade. Versará – sim – sobre os *precursores*. Aqueles que nos *precederam*, que se encontraram com a psicanálise há muitos anos atrás. (pp. 195-196)

Nesse momento, distingue-se a figura do precursor. O que caracteriza o precursor? O que o difere dos demais? Com certeza algo o distingue do gênio – Freud –, mas também distinto é daqueles que pertencem a algo já instituído ou mesmo que promovem de forma sistematizada essa instituição. Marialzira considera ter havido apenas um precursor-pioneiro: Durval Marcondes. Todos os demais foram ao encontro da ideia nova, em diferentes graus dedicaram-se ao estudo, divulgaram, puseram em prática os ensinamentos de Freud, porém, nas palavras da autora, inicialmente em tom de censura, “não se interessaram em candidatar-se à análise pessoal e à formação regular” (p. 195).

Fazendo uma autocrítica, a autora restringe o âmbito de sua censura, mantendo-a apenas para aqueles que, “no Rio, após 1945, não se interessaram em candidatar-se à análise pessoal e à formação regular” (p. 195). Explica, em nota de rodapé, que

delimita a data porque, nessa época, já Alcyon Baer Bahia se analisava na Argentina e, no Rio, grupos se empenhavam no esforço de trazer analistas didatas para dar início às análises de formação. Mas, complementa, “ainda me pergunto: não o *quiseram* ou não o *puderam*?” (p. 195).

Ouso sair em busca de uma resposta, fruto de conjecturas e candidata radical à insaturação, na linha de pensamento que se segue.

O perfil do precursor

Bion, em seu texto “The Grid”, nos conta uma pequena história que transmito aqui, de forma mais ou menos livre. Trata-se de uma reconstrução de um relato arqueológico, fruto de escavações empreendidas por duas expedições conjuntas do Museu Britânico e do Museu da Universidade da Pensilvânia:

No Cemitério Real de Ur, cerca de 3.500 a.C., o rei era levado a repousar. Acompanhava-o uma procissão de notáveis da corte, vestidos em todo o esplendor de suas joias e ornamentos ostentosos. Esses se acomodavam em um buraco especialmente preparado, ingeriam uma poção de droga narcótica e, com seus ocupantes em posição, ao som de música, era o buraco preenchido com terra. Quinhentos anos mais tarde, na Terceira Dinastia, saqueadores realizavam a mesma procissão com um fim diferente. (1977, p. 14)

Bion comenta:

Os enlutados reais demonstravam o poder da religião, do ritual, da magia, da droga. Os ladrões demonstravam o poder do ganho, e nós talvez devêssemos distingui-los com uma alta posição no Panteão da Fama Científica como os *precursores* [itálico nosso] da ciência no domínio mais comumente deixado sob a posseção da magia, da religião e do morto. (p. 14)

Mais adiante, interroga:

O grupo A (os notáveis) tomava uma droga narcótica antes de serem enterrados vivos. Era essa a única droga, supostamente haxixe, ou haveria alguma força mais poderosa que merecesse mais o título de droga e que já operava mesmo antes da morte do monarca? Qual era a droga tomada por B (os saqueadores)? Seria a curiosidade? (p. 16)

Que droga teria tomado o “turco” Elias, que o dotou da coragem e da persistência necessárias para arriscar-se por entre a malha praticamente inextrincável de igarapés? Teria sido guiado apenas pela atração do ganho?

Que coragem seria requerida para enfrentar aquelas forças assassinas – ou era simplesmente o amor pelo ganho? Como os ladrões chegaram ao conhecimento que os tornou aptos, quinhentos anos depois do evento, a escavar os veios terra adentro com tal precisão que os levou a achar a tumba da rainha? Foi sorte? – Deveríamos erigir monumentos aos saqueadores das tumbas reais como

pioneiros da ciência, tão científicos como nossos cientistas? Ou deveríamos considerar os cientistas de hoje merecedores de censura por sua cupidez? (p. 16)

Interessante referir aqui o curioso fato, comentado por Marialzira, de que coube a Juliano Moreira – nosso primeiro precursor, como veremos adiante –, pleno de títulos internacionais, receber das mãos do imperador do Japão a insígnia da Ordem do Tesouro Sagrado, “destinada aos consagrados da ciência” (1986, p. 196).

Parafraseando Bion: qual a droga tomada por nossos precursores? Que coragem seria requerida para enfrentar as forças adversas, a barreira da língua, o preconceito racial, a distância de Viena a Salvador em 1899?

Menino pobre, negro, nascido em Salvador, na antiga Freguesia da Sé, em 1873, ainda antes da abolição da escravatura no Brasil, Juliano Moreira é considerado o primeiro precursor das ideias psicanalíticas no Brasil. Muito jovem, aos 18 anos, forma-se em medicina. Já professor catedrático na Faculdade de Medicina da Bahia, revoluciona a psiquiatria no Brasil, abolindo as práticas violentas coercitivas até então utilizadas, estimulando a praxiterapia e antecipando a profilaxia das doenças mentais. Esse mesmo espírito inquieto e revolucionário o orienta para a leitura, na própria língua alemã – habilidade derivada de cultura preponderantemente germânica, adquirida como protegido do Barão de Itapoã –, dos primeiros escritos de Freud.

Já em 1899, refere-se em conferências às ideias de Freud, em sua cátedra na Bahia. Acometido de tuberculose, viaja para a

Europa, onde expande a sua ânsia por novas abordagens psiquiátricas terapêuticas e institucionais, tornando-se internacionalmente conhecido. Mas é no Rio de Janeiro, onde se radica em 1903 e assume o cargo de diretor do Hospital Nacional dos Alienados, que encontra o ambiente propício não só à propagação, mas à utilização da psicanálise em métodos de diagnóstico e tratamento, conjugados à psiquiatria. Logo, vê-se cercado de discípulos de grande valor intelectual, que desenvolvem um interesse acadêmico pelas teorias de Freud, expandindo o universo de alcance daquelas incipientes ideias revolucionárias. Em 26 de dezembro de 1914, na Faculdade Nacional de Medicina, Genserico Aragão de Souza Pinto, médico cearense, defende a tese denominada *Da psicanálise: a sexualidade nas neuroses*, o primeiro trabalho psicanalítico escrito em língua portuguesa, fruto de seus ensinamentos.

Nesse mesmo ano, 1914, Juliano Moreira faria uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia sobre o *método* de Freud, momento inaugural que, junto às aulas proferidas em 1899, o lança à categoria de primeiro precursor da psicanálise no Brasil.

Nas palavras de seu discípulo Afrânio Peixoto:

Juliano era múltiplo. Foi médico, tropicalista, dermatólogo, sífilógrafo, alienista, psicólogo, naturalista e historiador da medicina. Sob qualquer ângulo que examinamos a história de Juliano Moreira, ela é

extraordinária. Quem poderia imaginar tão brilhante carreira para um menino negro nascido a 6 de janeiro de 1873, na cidade de Salvador, Bahia, no Bairro da Sé. (citado por Salim, 2010)

Faço minha essa indagação.

Voltemo-nos para dois outros de nossos precursores no Rio de Janeiro.

José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, político, jornalista, literato, membro e presidente da Academia Brasileira de Letras; o primeiro no Rio de Janeiro, e segundo no Brasil, só precedido por Franco da Rocha, em São Paulo, a expor de forma sistematizada a teoria psicanalítica. Em novembro de 1919, profere a conferência intitulada “Psicologia de um neurologista: Freud e suas teorias sexuais”, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, publicada nos *Arquivos Brasileiros de Medicina* e, mais tarde, incluída como um dos capítulos de seu livro *Graves e fúteis* (1922). Essa conferência recebeu tradução em Buenos Aires, e foi lida e elogiada por Freud.

Interessante o testemunho de Marialzira quanto à profunda compreensão da obra de Freud por Medeiros e Albuquerque. Cita como exemplo, em seu artigo, a defesa que ele faz contra um artigo sobre *A interpretação dos sonhos* publicado no *Mercure de France*, em que o autor francês dá uma lista de objetos representados em sonhos com conteúdos simbólicos já definidos. Diz o nosso precursor:

Daí talvez alguém pudesse concluir que *Freud* tende a organizar uma espécie de chaves de sonhos, como tantas há no comércio. Mas isso é justamente o contrário do que ensina o mestre de Viena, porque ele acha que cada sonho só é interpretado pelas ideias pessoais do indivíduo, ideias que em cada caso se torna difícil trazer à luz. (citado por Perestrello, 1986, p. 198)

Maurício Campos de Medeiros, seu irmão mais moço, poucos dias depois da conferência citada, no mesmo local, realiza a conferência “Psicoterapia e suas modalidades”, em que reconhece a cientificidade da psicanálise – naturalmente, segundo o modelo positivista que orientava a intelectualidade da época; faz o relato de dois casos clínicos em que ensaia a utilização de uma abordagem psicanalítica.

Bem mais tarde, professor catedrático de psiquiatria na Faculdade Nacional de Medicina, Maurício de Medeiros dará mais um passo precursor ao propiciar a entrada da psicanálise na universidade através da plena liberdade conferida ao livre-docente Danilo Perestrello – psicanalista pioneiro do *grupo argentino*: Alcyon Baer Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira e o casal Marialzira e Danilo Perestrello, os primeiros que buscaram formação regular em Buenos Aires –, que assim imprime um viés psicanalítico a seu Curso Equiparado de Psiquiatria (1951); e, ainda, através do convite a dois psicanalistas – Marialzira Perestrello (1953) e Décio Soares de Souza (1955) – para organizar e integrar o Centro de Orientação da Infância no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Creio que a mesma força impulsora que levou Maurício de Medeiros aos primeiros contatos com a obra de Freud, à tentativa de sua aplicação em alguns casos clínicos e à conferência de 1919 levou-o mais tarde à sua incursão ao regime comunista, aventurando-se em viagem à longínqua Rússia em 1929, para conhecer de vivos olhos aquela prática revolucionária tão decantada, principalmente em seus aspectos supostamente nocivos. Também aí defrontou-se com as mais acirradas resistências, tudo ousou, inclusive a publicação que lhe parecia a mais isenta do que observara naquele país distante e pioneiro. Escreveu seu livro *Rússia* (s.d.), o que não lhe custou pouco: prisão, perda de cátedra, entre outros reveses. Logo no início, relatando uma conversa entabulada com o secretário da Embaixada Soviética em Paris, em seus esforços para obter o visto de entrada em território russo, diz-nos: “Conversamos larga e abundantemente. O rapaz sente que não sou comunista, mas tenho uma grande curiosidade intelectual de ver como na prática se executa o regime” (p. 13). *Curiosidade*, friso.

Espírito indômito e isento, Maurício de Medeiros se orienta pelo compromisso com o exercício do livre pensar e do agir singular, que obedece apenas aos princípios de autodeterminação fundados em valores universais. Poderíamos pensar em transgeracionalidade do espírito aventureiro, o mesmo espírito que move o precursor? Maurício, irmão 20 anos mais novo de Medeiros e Albuquerque; João Maurício de Medeiros, aviador, seu único filho homem, aos 20 anos alista-se como voluntário na Força Aérea Brasileira (FAB), para integrar-se às forças

aliadas no combate ao nazismo. Segue para a Itália, uma aventura sem retorno.

Remexendo velhos papéis, encontro referências a Medeiros e Albuquerque como: “espírito polimorfo, polimático e fecundo”; “homem de tão pronta inteligência e de tão rara curiosidade perscrutadora”; “a alma de menestrel e o nervo de grande operário”. Chamo atenção para o comentário a seguir, também sobre Medeiros e Albuquerque, feito por Antônio Austregésilo, mencionado por Marialzira como aquele que primeiro (1916) dedicou algumas linhas e mesmo umas poucas páginas a algumas ideias de Freud, aqui no Rio de Janeiro (Perestrello, 1986, p. 198): “Poeta, romancista, político, jornalista, administrador, erudito trabalhador, tudo foi nesta terra e tudo desprezou, para viver dentro da liberdade do pensamento e nas expansões de sentimento, únicos princípios a que obedecia como o imperativo categórico de sua personalidade singular.”

É nessa referência que encontro mais fielmente retratados os traços que talvez esbocem o perfil que vejo delinear-se da figura do precursor.

Precursores, aventureiros ou militantes?

Solitário em sua singularidade, apaixonado pela ideia nova, revolucionária, aventureiro na paixão pela causa enquanto ação, pois é esta que o tira de seu isolamento. Armada de curiosidade perscrutadora, a ação logo encontra um novo fim para seu servo.

O fim não a justifica, ela prescinde de justificação, justifica-se por si mesma, o fim apenas lhe presta serviço, é seu escravo.

Jean-Paul Sartre, no prefácio ao livro de Roger Stéphane *Portrait de l'aventurier*, nos diz: “Bem pequeno, Gide se atira aos braços de sua mãe gritando: ‘Eu não sou como os outros’... Ser é primeiramente não ser como o vizinho, é ser um original” (1965, p. 13).

O aventureiro – e, eu diria, o precursor – se contrapõe ao militante, e não somente como duas ideias abstratas; cito Sartre:

É necessário que a entrada no Partido [Sociedade Psicanalítica]¹ corresponda muito exatamente ao acesso ao reino humano; o seu eu, bem longe de despojá-lo, ele(a) lho dá. Eu o digo sem ironia: é doce, certamente, descobrir-se nos olhos fraternais dos outros... Antes de qualquer coisa será reconhecido como um semelhante, isto é, como um membro do Partido [Sociedade Psicanalítica] – é uma consagração. (p. 12)

Todos nós militantes nos confortamos no reconhecimento alheio. No compartilhar de ideias e ideais comuns ganhamos personalidade, sabemos quem somos, pelo que lutamos, e essa é a causa sã ou santa. Arrancados desse meio irmão, em que encontramos o olhar acolhedor de aprovação, de pacto implícito, muitas vezes sentimo-nos lançados à arena, ameaçados de forma vital na crença comum, pois esta é também o nosso eu.

O quanto não seriam fatores como esses responsáveis pelo nosso isolamento

institucional progressivo (isolamento esse de que não participavam os precursores)? A variedade de temas que Porto-Carrero – um dos mais prolíficos de nossos precursores no Rio de Janeiro – aborda em suas aproximações psicanalíticas é imensurável: educação, direito, saúde, comércio, a mulher, medicina legal, arte, sociologia. “Já o dedicado à terapêutica analítica é um capítulo mais fraco”, observa Marialzira (Perestrello, 1986, p. 202). Esse coube aos pioneiros, fundadores, psicanalistas contemporâneos desenvolver com disciplina. Diria que Porto-Carrero viajou pelas mais remotas e diversificadas regiões do espírito humano em sua aventura psicanalítica.

O precursor, ao contrário do militante, prescinde e mesmo evita a doação de seu eu pelo grupo. A tentativa de fugir à solidão de seu eu original se dá através da ação; por meio desta, procura comunicar-se com os demais, sem visar, no entanto, um fim, ou seja, um objeto determinado. Estes, os objetos, se podem renovar a cada momento sem constituir por isso ameaça; antes, a vitória da realização é seu próprio fracasso. Em nossa aventura psicanalítica de cada dia, com nossos pacientes, também a realização do objetivo, a interpretação, a construção de um novo sentido, não é a morte de um estado mental, de onde imediatamente partimos para outros horizontes de investigação?

Filobatas e onófilos

Um outro ângulo de observação da mesma antinomia nos oferece Michael Balint, também um precursor-pioneiro, em seu livro

Thrills and regressions (1959), ao cunhar os termos *filobata* e *ocnófilo* para caracterizar dois tipos contrários de personalidade, com base na compreensão das relações objetais. Embora o propósito deste artigo não me permita abordar em profundidade a riqueza de ideias desenvolvidas por Balint, não poderia deixar de referir algumas palavras com que o autor descreve esses dois tipos básicos e que, a meu ver, vêm bem ao encontro do tema sobre o qual discorro:

O [indivíduo] filobata é aparentemente independente, confiante e autocontido. Sente que pode evitar ou encontrar objetos internos e externos à própria vontade: de fato, ele nunca duvida de que possa achar novos objetos, novas ideias, e mesmo regozija-se em deixar o velho e achar o novo. De certo modo, é somente sua liberdade o que importa. (p. 40)

Em contraposição, o ocnófilo

só se sente salvo e seguro em contato estreito com um objeto ou objetos: gente familiar, ideias, crenças, convenções. Essas pessoas não suportam estar fora de contato (tato) com seu mundo familiar de objetos e, se devem subitamente confrontar-se com uma

ideia nova, uma nova forma de experiência, sentem-se desconcertadas e desejam retornar à segurança de seus modos habituais de pensar, sentir e ser. (p. 39)

Enquanto o indivíduo ocnófilo precisa supor que pode ganhar o favor e a parcialidade de seu objeto, o filobata sente que está dentro de seu poder conquistar o mundo sem depender dos favores de objetos individuais não confiáveis [...]. O mundo filobata é estruturado por *distância segura e visão*. Seu otimismo só é limitado por necessidade quase compulsiva de observar o mundo à volta dele, uma necessidade, é verdade, que leva a uma grande variedade de prazeres. (p. 35)

O mundo dos precursores

Distância segura e visão – necessidade de observar o mundo à volta – prazeres. Os olhos indagadores, curiosos, perscrutadores de novos objetos, a distância destes permeada pela ação, a paixão e o prazer presentes – é esse o mundo dos precursores.

Haveria uma diferença fundamental entre o mundo do precursor e o mundo do gênio? Creio que sim, mas essa é uma questão a ser amadurecida. O gênio corre sempre o risco de vir a constituir a força disruptiva do grupo, ou de ser por este assimilado, esmagado. Como o precursor ou aventureiro, exerce uma capacidade

negativa. Mas o gênio pode morrer no anonimato se as condições de seu reconhecimento não são propícias. Para o aventureiro, morte e glória se confundem. O precursor não cria necessariamente a ideia nova; dizendo melhor, não é necessariamente o pensador no qual se instala e desenvolve o pensamento novo, a *ideia messiânica*, como denomina Bion; antes, prevê, prepara, anuncia o surto do novo evento, que, uma vez instaurado, não lhe oferece mais lugar.

O precursor no grupo instituído será olhado com desconfiança, resistência, será alvo de hostilidade. “É diferente, não é como um de nós”, não fez formação analítica nem análise pessoal. Voltando à pergunta original: porque não o quis ou não o pôde?

Nem o quis nem o pôde, se considerarmos as duas dimensões do homem: livre e determinada. Deveriam todos os precursores se tornar militantes? Poderão surgir precursores dentre os militantes? Esses são dois pontos máximos de tensão que constituem o campo em que nos devemos movimentar se não quisermos cair na esterilidade amorfa daqueles que creem que seu destino lhes é dado pelos que lhes emprestam semelhança.

Freud precisou isolar-se do grupo – o *esplêndido isolamento* – para desenvolver com liberdade as suas ideias revolucionárias. Mas também precisou reunir-se a seus

pares, ter deles o reconhecimento, assegurar a transmissão de suas descobertas e a fidelidade aos princípios básicos da psicanálise por ele preconizados. São duas tendências opostas e inescapáveis do ser humano, a satisfação decorrente de seu vínculo emocional com o indivíduo e a satisfação que advém de sua necessária inserção no grupo e do vínculo emocional com este.

Termino com as palavras de Sartre que contemplam o aparente paradoxo:

Aventureiro ou militante: eu não creio nesse dilema. Sei bem que um ato tem duas faces: a negatividade que é aventureira e a construção que é disciplina. Nós só ganhamos se extraímos todas as consequências desse círculo vicioso: o homem está por ser feito e é o homem quem sozinho pode fazer o homem. (1965, p. 26)

Dois polos contemplados pelo “ato” psicanalítico.



Nota

- 1 Expressão nossa.

El precursor

La autora, a partir de algunos datos históricos que tuvieron como fuente fundamental el artículo de Marialzira Perestrello “Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937)”, pero instigada principalmente por lo que considera un gran acierto de esta autora al acentuar la figura del precursor, destacándolo de los pioneros, busca trazar un perfil del precursor, individuo que, desde su punto de vista, tendría características peculiares y distintas a las de aquellos que se dedican a instituir una nueva práctica, o un nuevo movimiento o causa, como hicieron los pioneros. Explora el carácter aventurero, con su espíritu libre y único, que osa en todo, impulsado por la curiosidad, distancia segura y visión; ojos escrutadores, que examinan nuevos objetos, la distancia de estos permeada por la acción; es esta la que lo saca de su aislamiento. En contraste con el militante, que encuentra su lugar en la pertenencia al grupo, en la comunión de ideas, creencias y valores. Esos dos polos precursor/aventurero – pionero/militante definen un campo de tensión necesario para el movimiento de construcción creciente y la expansión creativa.

PALABRAS CLAVE: precursor; pionero; aventurero; militante; curiosidad; libertad.

Referências

- Balint, M. (1959). *Thrills and regressions*. London: The Hogarth Press.
- Bion, W. R. (1977). *Two papers: The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Medeiros, M. de. (s.d.). *Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho.
- Medeiros e Albuquerque, J. J. (1922). *Graves e fúteis*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro.

Fernanda Marinho
Rua Sergio Porto, 153
22451-430 Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax: (21) 2294-4686
fernandaamarinho@globo.com

The forerunner

This paper starts from some historic information whose main source was the article “First encounters with psychoanalysis: the forerunners in Brazil (1899-1937)”, written by Marialzira Perestrello. The author of this paper is especially enticed by what she considers a Marialzira Perestrello’s great accomplishment, that is the way Perestrello emphasizes the forerunner’s figure in her article, by distinguishing forerunner from pioneers. In this paper, the author attempts to profile the forerunner as someone whose features would be peculiar and different from the features of men who dedicated themselves to establishing a new practice, either a new movement or cause, as pioneers did. This paper explores the adventurous character, which has a free and unique spirit. Impelled by curiosity, safe distance, and vision, this spirit dares everything. Questioning eyes scrutinize new objects, whose distance is permeated by action. This action takes the forerunner (or his adventurous character) out of his isolation. In contrast to the forerunner, the militant finds his place in belonging to the group, in sharing ideas, beliefs, and values. These two poles (forerunner/ adventurous – pioneer/ militant) define a field of tension which is necessary to the movement of increasing construction and creative expansion.

KEYWORDS: forerunner; pioneer; adventurous; militant; curiosity; freedom.

- Perestrello, M. (1986). Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 35(4), 195-208.
- Salim, S. A. (2010). A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, 8(14). Recuperado em 12 jan. 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009.
- Sartre, J.-P. (1965). Préface. In R. Stéphane, *Portrait de l'aventurier* (pp. 11-26). Paris: Grasset & Fasquelle.